

ENTREVISTA COM WALDO VIEIRA

ALEXANDER HERBERT IMICH (1903-2014)

Alexandre Zaslavsky

Luciana Ribeiro

Pergunta: O senhor poderia falar do seu contato com o Dr. Alexander Imich, quando ocorreu, quantas vezes e como foi este contato?

Resposta: O caso todo é o seguinte. Eu encontrei com o Imich nas últimas décadas da vida dele. Ele já estava de idade. Tem uma foto aqui que você mostrou que era bem como eu o conheci. Olha aqui, olha ele. Esse aqui é ele. Ele tinha os olhos bem azulados, como está aqui. Ele era muito simpático, muito atencioso, muito inteligente. Eu tive muitos jantares com ele nas viagens que eu fazia. Se deixasse por ele, toda viagem que eu fazia para lá ele queria encontrar comigo. Quem nos apresentou em primeiro lugar foi a ASPR, American Society of Psychical Research. Havia a Patrice Keane que conhecia o Dr. Imich. Então eu comecei a ter contato com ele através dela. Ela que me apresentou. Eu estava na ASPR quando ele foi lá falar comigo. Depois eu estive na casa dele, com os negócios dele. De vez em quando a gente jantava junto, aquela coisa toda. Agora, aqui falta dizer que ele criou o prêmio Dr. Imich para a pesquisa de Parapsicologia. Eu vi que em todos esses assuntos eles [sites] não falam disso. É que depois pararam com o prêmio porque ele perdeu dinheiro na bolsa. Ele tinha muito dinheiro porque era químico. Quando eu encontrei com ele, ele já era viúvo. A esposa morreu em 1986. Então eu penso que foi de 86 para cá que eu tive mais contato com a pessoa dele. Eu não sei exatamente quantas vezes, muitas vezes nós nos encontramos.

P: Qual o seu entendimento da proéxis do Dr. Imich? Teria semelhança com o caso de Rhine? O senhor o considera completista? Por quê?

R: Para mim, ele era completista, dentro do que ele fez, a vida dele foi mais atribulada do que a do Joseph Rhine, muito mais. E outra coisa, ele chegou a ver os fenômenos e aceitar os fenômenos mais do que o Rhine, os parafenômenos. Ele era encasquetado comigo devido às minhas pesquisas de efeito físico e o meu processo de energia. Porque eu mostrei para ele como é a energia, ele sentia energia. Eu fiz arco voltaico com ele para ele ver como é. Ele e vários outros ficaram impressionados quando eu mostrava justamente isso. Eu fiz isso com muitos cientistas que vieram até o Brasil, para dar aquilo que a gente falava de defloramento parapsíquico da pessoa. Então você tira a pessoa daquela condição de sarjeta e mostra como é que é o processo das parapercepções, ela começa a sentir

a parapercepção. Ele já tinha ideia disso, mas eu ampliei o processo. Então ele ficou tarado comigo devido à minha bibliografia, à minha biblioteca, holoteca, essas coisas todas. Tive que arranjar uns livros, que, inclusive, tinham ilustração, porque ele não conhecia português. Inclusive tem um do [Eurico de] Goes, que fala sobre o [médium Carmilo] Mirabelli e ele ficou impressionado com aquilo. Foi preciso eu ler para ele em inglês, traduzir alguma coisa, falar para ele, lá junto com ele como é que era o processo, o problema da manifestação do Mirabelli. Eu vi isso tudo de perto, mas ele não chegou a ver. Na ocasião que eu encontrei com ele eu já tinha visto o cirurgião psíquico Antonio (Tony) Agpaoa, o [médium José] Arigó. O Agpaoa é lá das Filipinas, ele nunca tinha ido às Filipinas, não sabia de nada. Então eu dei um banho de loja em matéria de fenômeno, ele era tarado com os fenômenos. Isso mostra que ele veio mesmo para fazer alguma coisa com isso tudo, ele ajudou. Ele ajudou por todo lado, ele trabalhou nisso. Agora, a vida dele foi difícil.

P: Na sua opinião, qual foi o diferencial da personalidade dele, considerando as tantas peculiaridades da vida que teve?

R: Olha, você está perguntando mais à frente [na entrevista] se teria sido portador de macrossoma. É o que eu acho. Ele devia ter macrossoma. Ele era um cara mais ou menos do meu estilo, mas ele era até um pouco menor do que eu. Mas era magro, assim mais ou menos, normal, do jeito que eu sou. Ele não tinha excesso. Agora, ele era vidrado em matéria de dieta, de alimentação, essas coisas ele olhava muito, igual eu. Nós batemos em uma porção de coisas, bateu tudo igual nosso tipo de pensar. Em matéria de fenômeno, em matéria de ego, em matéria de modo de vida, ele tinha uma porção de coisas iguais a mim. Isso não é fácil, ainda mais para um parapsicólogo. Por isso que a gente tinha afinidade. Eu com ele e ele comigo. Eu falava já com ele sobre a dieta frutariana, que eu levava isso seriamente. Ele andou estudando os processos, porque ele era químico. Então ele foi estudar a bioquímica do problema da Farmacologia. Ele levava muito em consideração os efeitos dos alimentos. Eu sempre fui mais pelo lado da Medicina, com a Farmacologia no processo da dieta. Então isso a gente entrosava para ver como é que era. Ele tinha muita disposição enquanto eu encontrei com ele. Nos últimos anos, quando eu deixei de viajar, não tive mais contato.

P: O que ele representa do ponto de vista da mudança entre paradigmas científicos?

R: Ele veio para trabalhar nisso, nos ajudar nessa história toda. O prêmio que ele criou eu acho importante considerar, não pode ser esquecido. Tem que ver na American Society quando é que foi, como é que foi, o tipo que foi, quem é que ganhou o prêmio. Isso não tem na internet, não está falando nisso. Ainda está mal informado.

P: Foi entre 1989 e 2004, realmente tem muito pouco registro disso. Eu encontrei alguns apenas.

R: Essa época nós estávamos plenos, sempre nos encontrávamos, todo ano eu viajava. A gente estava sempre junto.

P: Ele relacionou alguns fatores a sua longevidade [111 anos]: ter uma genética forte, nunca ter bebido álcool, comer pouco, ter feito exercícios físicos [foi ginasta], ter um forte interesse e persegui-lo todo o tempo e o fato de não ter tido filhos. Qual sua opinião sobre isto?

R: Tudo é verdade, isso tudo aí ajudou. O negócio de ter filhos às vezes dá problema, você tem que atender até a criança crescer. Filho geralmente até os 18, 20 anos, você tem que ficar olhando. Eu, por exemplo, eu expliquei isso para ele, sobre o meu filho. Eu tratei com a minha mulher tudo que ia acontecer, sabia quem é que ia aparecer. E outra coisa, eu não parei com as minhas pesquisas, eu não parei com as minhas viagens. O Arthur começou a viajar comigo com uns 3 meses de idade. Eu não recomendo isso para ninguém, eu já falei isso aqui. Mas é que eu combinei com a minha mulher. Qualquer coisa nós vamos fazer um serviço de VIP para o menino, quando nascer. Então a gente só voava de primeira classe, tudo arrumado. Você pensa bem, eu já falei isso aqui. Quando nós viajamos pelo Concorde, o menino ainda era pequeno. As aeromoças ficaram doidas. Ninguém levava criança no Concorde, que era cara demais a passagem. E nós não, estávamos lá no Concorde. Aí nos trouxeram aquele monte de presentes para o menino, nós trouxemos uma mala de material de aviação. E ele gostava muito daquilo, queria saber tudo, pequenininho. Isso era o Concorde, para você ter uma ideia. Eu explicava isso tudo, muita coisa eu expliquei para ele, para ele saber como é que era a situação. O que eu vejo também, que eu expliquei para ele, foi o macrossoma. Ele estava interessado nisso, porque ele era químico. Ele chupou tudo que sabia da Bioquímica, ele estudou Psicologia e as [outras] coisas todas que ele andou estudando. Ele estudou muita coisa. Eu acho que, do que eu já vi aí [nas publicações], eles não viram tudo que ele estudou, ele estudou mais do que isso que estão falando. Nessa Bioquímica eu entrei com o processo de macrossoma, ele ficou doido com a ideia na ocasião. Ele tinha macrossoma, tudo indica que sim. Se você for estudar por aí, muito disso que você está querendo saber fica claro. O fato de ele não ter tido filho é porque ele já queria se dedicar ao trabalho da pesquisa. Ele era doido com pesquisa, do jeito que eu sou. Mais ou menos nós tínhamos o temperamento [parecido], muita coisa igual. Ele mesmo falou isso para mim.

P: O Dr. Imich tinha a intenção manifesta de produzir uma “demonstração conclusiva” que convencesse a toda a comunidade acadêmica da existência de

parafenômenos, em particular, a PK. Qual sua opinião sobre o fato dele ter esta intenção e sobre a intenção propriamente dita?

R: Olha, eu falei com ele que isso era impraticável. Do jeito que nós estávamos, nós não estávamos com recursos para fazer uma coisa dessas. Então, por exemplo, os parafenômenos lá na televisão, são secundários, não resolvem, não dão para fazer. O ideal seria se a gente viesse aqui e materializasse, debaixo da luz, o negócio todo. Isso é impossível, porque cria um monte de problemas. A luz mesmo, artificial, ela liquida com o ectoplasma, isso aí é um problema. Então é muito difícil de conjumar o processo da parapercepção com a materialização. Tudo isso eu expliquei para ele. Olha, eu não vejo muito jeito de querer juntar isso aqui, do ponto de vista grupal, coletivo. Eu expliquei para ele, eu trabalho é com o individual. Então eu pego a pessoa e vou fazer o defloramento parapsíquico da pessoa que está comigo. Eu fiz isso com centenas de pessoas, principalmente homens, com homens que eram pesquisadores. Agora, depois, lá pelas tantas, eu parei com isso. Por que? Porque não dava efeito. As pessoas ficavam presas à biografia, ao dinheiro, à família, à universidade. Tinha cara que vinha e começava a chorar lá em casa, a hora que ele via as coisas todas. Aparecia o avô dele, da infância dele, na frente dele, na minha cara, que era o [laboratório] Acoplamentarium, fazia um acoplamento. Então os caras viam isso tudo lá em casa. A gente já preparava o que ele bebia, um leite, ou era café, ou água, para dar para o cara, porque ia dar crise, era batata. Tem cara que estava comigo e daí a pouco, quando ele via ele estava fora da Terra, daí a pouco ele voltava. O [amparador extrafísico] Tao Mao gostava daquilo. Nós fizemos isso com várias pessoas. Mas olha, depois, cadê esse povo? Após participarem dessa, deu trabalho aí para congresso, de Projeciologia, Conscienciologia. Mas cadê esse povo? Eu falei assim: não, estou colocando azeitona na empada dos outros. Então parei com isso.

P: O senhor chegou a fazer acoplamento com o Dr. Imich? Clarividência facial?

R: Não, eu fiz arco voltaico, fiz uma porção de coisas. Mas ele já tinha conhecimento, o homem não era bobo. Ele sentiu comigo foi o valor da energia. Eu falei assim, a base do parafenômeno é a energia consciencial e a vontade da pessoa. Quanto mais uma conscin tem noção disso, melhor.

P: Quais aproximações o senhor acha que o Dr. Imich teve com o paradigma consciencial e com a Conscienciologia?

R: Ele viu que eu estava na ponta da história, ele quis me dar tudo quanto fosse ajuda para melhorar o processo. Mas é que ele já estava com muita coisa enrolada, tinha muita coisa. Não dava para fazer mais do que ele fez, ele fez o que ele pôde. Eu pedia para ele ajudar a American Society [of Psychi-

cal Research], a Patrice Kean. Ele ajudava em tudo um pouco. Ajudou uma temporada, no fim do século passado, o povo todo [os parapsicólogos]. De modo geral, o que vi que tinha é isso. É um dos meus amigos da Ciência. Eu tive um monte deles. Ele pelo menos se apresentou, enfrentou, abriu o peito, teve coragem, porque... quantos não tiveram? Por exemplo, a turma está indo à África do Sul. Tem uns caras da África do Sul que eu dei um banho de loja na American Society. A própria Patrice [Kean] pediu, porque era gente conhecida dela e do Dr. Imich. Cadê esse povo? Eles viram, reconheciam tudo, que nós aqui estávamos na ponta, em matéria do estudo do processo da consciência em evolução. Mas não pude fazer nada. Olha os caras lá de Genebra, da Suíça, cadê? Os velhos da Noética, cadê o povo? E a turma da Parapsicologia, cadê? Cadê a Parapsicologia no Brasil? Cadê a ABRAP [Associação Brasileira de Parapsicologia]? Eu pensei assim, o jeito é seguir o caminho, deixar, se quiserem eles aparecem. Parei de mexer com isso tudo. Tudo que eu pude eu enfrentei nesse assunto. Tudo que era evento que havia, processo de Parapsicologia, todas essas disciplinas novas, natureba, antipoluição, tudo que você pensar nisso... Magia... Eu entrava nisso para ver esses processos [de estudo do parapsiquismo]. Por isso que eu tive contato com essas coisas todas, para ajudar. No Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos, na Europa. Estive até na França, eles mesmos é que me chamaram na ocasião. [O evento] Parapsi 70, 1970 eu estive lá, Paris. Participei de um evento enorme que eles fizeram. Lá tinha os maiores caras. Cadê aqueles caras? Eles já estavam também com idade, já devem ter todos morrido. Mas, o que que deu aqui nessa data? Então, o negócio é o seguinte: você trabalha 100%, 2% trazem resultado. Geralmente é assim. Você não pode desesperar e nem desanimar, não pode ter desânimo nisso. Você tem que seguir com os amparadores. O melhor da História é o seguinte, o amparador nunca para, ele está sempre presente. Então você está sempre sentindo que você não está sozinho. Se você for pensar só em gente humana, você está no buraco, presta atenção nisso.

P: O senhor mencionou, numa outra ocasião, que teria lembrança dele naquela comunex Superfraterna. O que o senhor pode falar sobre isso?

R: Ah, sim. Lá ele esteve, pelas coisas que eu conversava com ele. Ele era doido para saber: quais são suas últimas experiências? O que que é que você viu fora do corpo? Eu tinha que explicar tudo para ele. Agora, ele era desse povo, alto, grandão. Ele era grande. Agora, ele estava envolvido com o processo da Segunda Guerra, porque ele participou daquilo. Depois que ele dessemou eu acho que ele está mexendo com isso.

P: O senhor teve alguma percepção dele? Da consciex?

R: Não, até agora eu não vi nada, não. Só acompanhei as coisas. Vi que ele tinha dado as coisas dele no fim da vida lá para a IAC. Depois disso não. Na

biblioteca dele tem muito livro que fui eu que dei. Eu levava uns livros para ele, jogava energia para ele. Inclusive assinalando certas fotos, certas coisas, porque foto é um negócio que todo mundo vê. Foto é de poliglota, a fotografia é uma linguagem internacional. Às vezes é o jeito. Às vezes dou livro em Português quando tem muita foto, às vezes vale a pena. É uma ideia. Então, o [livro do] Eurico de Goes sobre o Mirabelli tem disso, interessa para ajudar. Agora, o que eu vejo é o seguinte, a [revista] Interparadigmas que vocês estão fazendo é uma coisa nova e que funciona. Isso aí o Dr. Imich não tinha. Nós tínhamos uma ideia de fazer um negócio desse, mas na American Society eu vi que estava difícil. A British Society, que eu conheci também, participei das coisas. Eu participava, às vezes dava até dinheiro em certas coisas, para ajudar. Eu também, às vezes, sou obrigado a reconhecer, eles lá pelas tantas também me deram muitos livros. A American Society me deu, porque eles sabiam que eu estava pesquisando, tinham interesse de mostrar. Então, eles arranjavam um monte de livros, deixavam tudo reservado. Quando eu chegava lá, estavam doando, tinham os livros ali. Eu também sou obrigado a reconhecer, nisso eles me ajudaram, em matéria de livro. Agora, na American Society eu atendia os funcionários, atendia os *sponsors*, fiz muita reunião com esse povo todo, reunião diretiva. Mas cadê? Nada disso nunca era [valorizado], nunca fizeram um relatório pra aproveitar qualquer coisa.

P: É tão estranho ver que eles estudaram vários médiuns que faziam materialização e tal e ao mesmo tempo por que que não fizeram todos os relatórios com o senhor que é muito mais...?

R: Ninguém quer saber nada.

P: É tudo farsa?

R: O processo da energia, eu mostrando para o cara e ele via tudo da energia. Aí eu dizia assim, olha bem, isso não é nem sugestão, nem hipnose, com o tempo você mesmo vai fazer isso pela sua vontade. Mas não adianta. Dinheiro, você está entendendo? O interesse humano, o processo do capitalismo selvagem é terrível. Terrível. A gente tem que viver com isso. Agora, o que é bom é a gente arranjar quem queira debater, porque fazer o registro através de uma revista, do jeito que vocês estão fazendo, vai ficar consolidada aquela experiência. Você não vai perder tempo. Tudo que eu fiz teve muita perda de tempo. Por que? Não ficou nada registrado. Agora, a Interparadigmas não, já começa pelo registro. Se amanhã uma pessoa que está aí quiser debater com vocês, pela revista, vai ser o máximo. Esse é o caminho. Hoje em dia o processo de, vamos dizer, polêmica, tudo foi para o espaço. No Brasil mesmo não tem mais polêmica. Cadê o Jornal de Debates? Sumiu, não existe mais isso. Depois eu quis avivar o Jornal de Debates, a turma entrou em contato com o cara lá que tinha [o responsável] e ele falou que é muito difícil, não dá, ele desistiu. É que a gente queria reavivar o Jornal de De-

bates, fazer de novo. Existia o Jornal de Debates, essas coisas existiram, agora hoje não tem oposição no Brasil. Falam todas as verdades aí do povo e não adianta! Por exemplo, a Lya Luft escreveu na revista [Veja] aí dessa semana, a coisa absurda, dá um resumo do Brasil do jeito que está, dá até pena. Ela é muito inteligente. Agora, dá até pena. Ela fala assim: eu vou dar aqui os dados que eu detenho, se alguém entender por favor me informe, me ajude, me ensine. Terrível o que ela falou, tudo que tem no Brasil, o processo da política, as coisas todas que tem. Como é que o povo fica tudo vendo a banda passar?

P: Ainda em relação ao Imich, é interessante que tem o registro que aos 13 anos ele começou a se interessar pelo tema do parapsiquismo. E é curioso porque, para o judeu, aos 13 é a idade que o menino faz o bar mitzvá. É uma espécie de contraponto, ele já estava manifestando um interesse mais universalista.

R: Eu comecei meu negócio com 14, esse é o meu judaísmo! (risos).

P: Mas isso mostra uma predisposição paragenética de fazer frente ao judaísmo, estava a paragenética preponderando.

R: É isso aí. Ele era bem assistido, isso é que é o negócio, ele sabia disso.

P: Eles relataram que nos últimos momentos da vida dele, nos últimos dias, ele começou a falar em russo e em polonês, porque estava conversando com os espíritos.

R: Ah, sim. Mas isso a pessoa de idade, quando ela fica fraquinha fala a linguagem inicial da vida dela, entende? Tive uma amiga que falava em alemão. O povo não entendia nada de alemão e a gente tinha que entrar para participar lá, ficava em pé, tinha que esperar. E ela não estava percebendo que estava falando em alemão.

P: As companhias extrafísicas dele não eram necessariamente russas e polonesas, no que o senhor percebia?

R: Pois então, também tem isso aí. Mostra que ele já estava fraco, ele não estava percebendo. Agora, quando é assim, essa fraqueza não é bem fraqueza. O nome correto disso para uma pessoa igual ao Imich é **descoincidência**. Ele estava mais consciencioso do que conscin. Quando ocorre essa descoincidência, ele então fica mais para lá do que para cá. Aí então ele começa a ver os penates, volta tudo na origem. Aí ele volta a falar a linguagem, o idioma dele da infância, da mocidade, e ele nem percebe que é aquilo. Começa a raciocinar naquele fenômeno. Você sabe, quando você começa a raciocinar melhor, cria problema para a confabulação, quer dizer, o coloquialismo. Eu, por exemplo, quando eu passava muito tempo nos States, eu vinha para casa e daqui a pouco eu só pensava em inglês

e criava problema para mim, em Português a palavra é essa e tal, não dava. Por que senão? Você sabe que é assim. Senão... Nunca pensei em passar muito tempo fora do Brasil, senão vai piorar minha cabeça, em termos. Nunca passei, passava alguns meses e caía fora.

P: O que o senhor observava da assistência que ele tinha? Que tipo de amparador?

R: Tinha uma senhora que para mim era médium de efeitos físicos do século XIX, que ajudava ele. Era médium de efeitos físicos. Uma vez eu falei isso para ele. Ele chegou a ter cognição dela, ter sonho com ela. Agora, de modo geral é isso que eu vejo. Possivelmente é capaz de aparecer mais coisas na Internet sobre ele, ele estava muito presente.

P: Qual era o nível evolutivo do Dr. Imich?

R: Era do nível de vocês, estava fazendo força! (pausa) Ele era de desperto para cima.

P: Qual era a proéxis dele?

R: Isso que eu falei, foi completista.

P: O senhor conversou com ele sobre tenepes? Ele praticava tenepes?

R: Ele sabia de tenepes, a Patrice Kean da ASPR pedia para falar com o pessoal sobre as técnicas. Conhecia bem essas coisas, tipo projeção, muito mais do que ele falava. Já tinha muito mais idade. Tinha mais era inspiração que ajudava ele, uma mulher que equivalia ao Tao Mao [consciex amparadora] para ele. Devia ter também o Enumerador [consciex amparadora] dele. Ele é meu amigo há três milênios. É antigo, [da época] com os judeus. Ele sabia que na II Guerra o erro era recíproco, debatia muito com ele sobre judaísmo. Está atendendo o povo que ficou para trás na II Guerra Mundial. Ele chegou a trabalhar na Intermisiologia, apareceu, foi longe. Chegou a fazer prêmio com o nome dele. Estava doido por parafenômeno porque estive na comunex Superfraterna antes de renascer. Vários da Parapsicologia foram levados lá. Ficavam pouco, era rápido.

Alexandre Zaslavsky é professor de Filosofia no ensino médio e superior no Instituto Federal do Paraná, campus Foz do Iguaçu; mestre e doutor em Educação pela UFRGS; co-autor do livro *Inversão Existencial* (2011).

Luciana Mello Ribeiro é professora na Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA), em Foz do Iguaçu. mestre e doutora em Educação pela PUC-RJ. Co-autora do livro *Boa Noite, Universo!* (2002) e diversos artigos.